

EDUCAÇÃO PARA A LEITURA

D.R. Simões de Almeida *

O ensino da Literatura nos Cursos de Letras tem sido uma preocupação constante, que se agrava na medida em que professores constataam realmente o grau de cultura literária que os nossos alunos trazem como embasamento imprescindível para cursar Letras.

Em decorrência dessa constatação, surgem propostas para um ensino mais proveitoso, mais válido e é louvável todo o esforço para remediar um estado verdadeiramente lastimável de socialização literária de nossos alunos (1).

A proposta de criação de uma disciplina preparatória para o ensino de literatura no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, que seria "Leitura", nos leva a externar opinião relacionada a esse tema.

A pergunta inicial que se põe é a seguinte: — Como é que se vai fazer um estudo de Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Teoria Literária etc. disciplinas do nosso currículo de Letras, que visa precipuamente a formar professores de língua e literatura para lecionarem no ensino médio, com alunos que não têm o hábito da Leitura? Como se há de estudar língua e literatura como não-leitores?

Os problemas decorrentes da falta do hábito da leitura deveriam ser estudados muito mais a fundo. A conscientização para uma educação para a leitura é indispensável. Trata-se aqui de uma perda no sistema educacional, perda talvez irre recuperável, que ocorre durante certas fases da infância e da juventude do educando.

A pretensão deste artigo não é a de reexaminar currículos escolares, sejam do primeiro ou segundo graus, nem julgar o que se faz ou deixa de fazer nas escolas de Santa Catarina. Desejamos apenas considerar e ponderar como evitar aquelas perdas, pois como professora da Universidade Federal de Santa Catarina, cabe-nos a responsabilidade de chamar a atenção para uma possibilidade de educar para a leitura.

A primeira questão é a seguinte: — O que é um leitor?

Em decorrência surgem outras perguntas: pode-se "formar" leitores? Como se processaria uma educação para a leitura? O que se considera leitura? Que objetivos haveria na educação para a leitura?

II

Procurando basear a "educação para a leitura" em fases de desenvolvimento de interesses que vão desde a infância, passando pela idade pubertária, chegando a uma solidificação do hábito no adulto, temos de ter em mente qual a função e qual o conteúdo da leitura a serem escolhidos pela escola ou pelo professor, para que aquelas fases sejam um

caminho no amadurecimento natural do educando e seja atingido o objetivo proposto que é o hábito da leitura.

A leitura da criança distingue-se bem claramente da do jovem e da do adulto ⁽²⁾. É óbvio que esses degraus de desenvolvimento não são uma escada no topo da qual está a "cultura"

A criança necessita de suas estórias. Toda criança, desde aquela de origem mais modesta até a de classe privilegiada quer ouvir, quer que lhe sejam contadas estórias. O mundo fantasioso da criança não tem limites.

As estórias contadas passam a ser lidas: o adulto narra através da leitura. A compreensão para o prazer de ouvir estórias lidas, geralmente, só é experimentado por aquelas crianças que têm a felicidade de possuir pais esclarecidos.

Mas já na idade pré-primária, a escola pode ir de encontro a esse interesse da criança e suprir a carência das de classes menos favorecidas.

A "educação para a leitura" começa propriamente na primeira série do curso primário. A aula de "leitura" deveria figurar no programa de todas as séries e essa aula deveria ser a hora ansiada pela criança e ser, portanto, objeto de prazer.

O salto para a leitura própria, feita pela criança alfabetizada seria um passo muito bem planejado, visando basicamente à leitura como um conjunto lúdico, independente de possibilidades que um texto possa oferecer para o estudo de gramática ou outras noções teóricas. A "leitura" da criança alfabetizada no curso primário seria a descoberta própria, individual, daquele mundo que os adultos lhes falaram, daquele já conhecido envolvimento de sua fantasia.

No momento em que a ânsia pelo conteúdo de uma estória é reprimida, porque há a necessidade de diferenciar entre um substantivo próprio e um abstrato, entre uma oração com ou sem sujeito, a leitura passa a ser um fardo pesado: sacrifica-se o prazer que a leitura proporciona, em favor de normas propostas nos programas escolares.

Talvez estejamos exagerando ou pintando um quadro um tanto sombrio daquilo que geralmente se faz na escola primária. Cabe aqui a grande preocupação e a responsabilidade da escola num processo que pode ser reprimido ou mesmo castrado: o desenvolvimento do verdadeiro prazer da criança dos primeiros anos escolares em ouvir e, em prosseguindo também, de contar estórias.

III

A fase seguinte, a idade juvenil é uma fase de leitura individual intensiva. Um estudo mais detalhado poderia classificar precisamente os campos ou temas de interesse de leitura do aluno, procurando a continuidade de um processo já iniciado.

A leitura juvenil pode ser relacionada a uma necessidade psicológica de se realizar fantasticamente: é o caso dos jovens preferindo temas de aventuras de sucessos de heróis e geralmente as moças, romances de amor com "happy end", o que não será obrigatoriamente assim, mas as preferências giram em torno desses temas.

Essa literatura, assim chamada de trivial, não deve ser menosprezada pelo professor pois ela, apesar de não ter reconhecimento social, atualiza funções psicológicas e tem sua validade (3).

Em certas camadas sociais, nessa fase, a leitura pode se voltar para o "hobby" e servir de afirmação perante um grupo e o prazer da leitura ser relativo: manipula com a fantasia e projeta desejos realizáveis ou não.

Nessa fase, as obras em prosa são as preferidas. Os temas vão dos livros de aventura, ficção científica, biografias até romances da literatura mundial.

IV

Na fase adulta, geralmente, há um afastamento da leitura, que é motivado pela perda do prazer com temas juvenis. Ocorre, ainda, a necessidade profissional de outras leituras especializadas: é a leitura obrigatória, informativa, sem envolvimento do eu; ela se prende, também, ao desejo de reconhecimento do grupo, de afirmação através do saber da maior quantidade de informação.

A questão inicial que nos colocamos "que é um leitor", retorna aqui. Se tentarmos definir o que seria a leitura que se almeja na "educação para a leitura", tentaríamos conceituar assim: "leitura é aquela atividade que envolve fortemente o eu e o sinal do envolvimento é o prazer com essa leitura". Mas a definição não se esgota aqui. O hábito da leitura deve levar a exercer uma influência na educação e no desenvolvimento espiritual da criatura.

Uma vez que já estamos nos referindo àquelas pessoas que já possuem o hábito da leitura, podemos considerar tipos de leitores. Por exemplo:

— aquele leitor que procura apenas o envolvimento. Para ele os livros (a leitura) servem de entretenimento ou de confirmação de suas convicções. Nesse caso a leitura do adulto não se diferencia da do jovem.

— Outro leitor é aquele que colhe experiências com a literatura. Essas experiências são diversas e dependem do grau de desenvolvimento intelectual do leitor. Se considerarmos mais detalhadamente esse segundo tipo de leitor, veremos que ele passou por certos estágios: é a jovem que superou os romances de amor, os "água com açúcar"; é o jovem que vai dos livros de aventuras e passa para a ficção científica e finalmente chega à fase adulta que é a do leitor que questiona, que se questiona ao terminar a leitura de uma obra literária. Houve aqui um processo que evoluiu de uma "puberdade literária" para uma verdadeira fase adulta (4).

O amadurecimento para uma experiência estética, a capacidade de perceber a literatura como arte, é o resultado ótimo de um processo de desenvolvimento das diversas fases, que teve seu momento decisivo no período juvenil. Daí que o ensino da disciplina "Literatura" na escola secundária, bem como a escolha dos textos, é decisivo pois só com uma adequação de método, conteúdo e visão geral do objetivo é que se chega ao resultado desejado.

Resumindo: o comportamento de leitura de um adulto se prende à fase da leitura durante a juventude; quem não adquire o hábito da leitura na juventude, dificilmente será um leitor; a leitura juvenil não deve ser menosprezada, mesmo parecendo trivial ou de mau gosto; a assim chamada "puberdade literária" é de importância vital, pois sem haver passado por ela, certamente o educando não chegará ao prazer de perceber a arte.

V

As descrições do processo de desenvolvimento de um leitor e a tônica na fase da "puberdade literária" despertam para a necessidade urgente de conscientização e para a responsabilidade da universidade, dos cursos de Letras, quando formam professores para o secundário.

O incentivo à leitura deve ser preocupação, deve ser objeto de estudo dos conteúdos e dos métodos nas aulas de "Literatura" nos primeiro e segundo graus.

As questões estão aí: 1. Qual seria a responsabilidade da escola e qual sua influência no hábito da leitura? Qual a contribuição da escola na "educação para a leitura"? Como fazer um leitor?

Um leitor que fora dos bancos escolares considerará a leitura, não um exercício de aula, mas uma atividade causadora de prazer, um exercício lúdico compensador e uma atividade socializadora.

O primeiro passo seria uma reconsideração dos objetivos das aulas de "Literatura" no secundário, partindo do ponto de vista que o leitor se faz e que o gosto pela leitura é caso de aprendizado.

Por que nosso aluno do Curso de Letras não conhece um mínimo de autores nacionais contemporâneos?

O que se faz e como se procede nas aulas de "literatura" no curso secundário?

Há um descrédito que pode ser atribuído ao método, às atitudes nas aulas e no processo de ensino. Certamente o curso, o programa da disciplina visa a iniciar e a desenvolver potencialidades, mas não obtém sucesso.

Evidentemente que o manejo com o texto literário na universidade tem que ser em outro nível e fazer uso, aplicação e experimentação de teorias, ser objeto de discussão dessas teorias. Mas tal formação é meio de enriquecimento do leitor adulto ou do futuro professor e não pode ser levado aos jovens no curso secundário, pois eles têm interesses próprios e sua formação ainda está se processando.

Mesmo muito bem intencionados, os professores do secundário não deveriam "impor" aos seus jovens alunos métodos e regras para facilitar a análises em poesias e textos, aplicando-os até como critério de escolha do material didático, e assim ter um texto mais adequado ao emprego prático daquelas regras.

A preocupação na "educação para a leitura" tem de levar em conta que no período escolar (não no acadêmico) o jovem deve ser levado a ser um *leitor* e a literatura tem de

deixar de ser material para emprego de regras e técnicas de análise e interpretação.

Quando o jovem sentir realmente que a aula de literatura não é mais um exercício de “forma e conteúdo”, nem uma imposição do ponto de vista do professor, mas sim que este está disposto a compreender e a ouvir as suas maneiras de sentir e entender, então ele despertará para a literatura.

Ainda está por ser empreendida pesquisa para o levantamento dos modos de ensino, dos métodos empregados nas aulas de literatura. Apenas após tal tarefa poderá ser proposta nova atitude e programação que viesse a permitir um processo de formação para a leitura, onde a função do professor seria muito mais (ou talvez só) de observação e mínima intromissão nas leituras de seus alunos. Partindo do pressuposto de que o jovem gosta e quer ler, mas entendendo que ele quer ler o que ele mesmo escolhe, haveremos de alcançar com o aluno a experiência de libertação nas aulas de literatura e não de opressão por parte do professor.

Resta, como conseqüência dessa proposta de ensino aberto, a questão: Se os jovens alunos escolhessem a sua leitura, será que eles saberiam ser críticos com essa literatura?

Voltando à colocação inicial, enfatizamos: a Universidade se vê cotidianamente confrontada com o círculo vicioso no ensino, sem saber onde se inicia ou onde termina, quando constata que seus alunos não possuem o hábito da leitura. A responsabilidade de interromper esse círculo cabe a nós todos. Durante todo o curso universitário o futuro professor tem que se conscientizar da necessidade da leitura e do verdadeiro desenvolvimento da socialização da literatura.

Na socialização literária se realiza plenamente a leitura como experiência subjetiva, experiência do eu ligada ao cotidiano, isto é, experiência social, bem como vivência psíquica individual.

A escola e a leitura individual não são compartimentos isolados nos quais se processa a socialização literária.

Descrevendo em breves traços o desenvolvimento do gosto pela leitura, podemos compreender o processo de formação de um hábito. A reflexão sobre esse assunto há de levar a novas atitudes. Do sucesso ou fracasso desse novo ponto de vista vai depender a correção da situação em que nos encontramos e assim, diante de novos pontos de partida, vamos procurar incentivar e sempre corrigir o almejado processo de socialização da literatura.

Como conclusão, apenas algumas sugestões de trabalho para início de uma jornada:

— Incentivar os alunos da universidade a montar um questionário ou roteiro de entrevistas com escritores, autores, pessoas que fazem literatura. Colocar os graduandos em contato com essa gente, para que estes relatem as suas experiências e recordações das aulas de literatura nos anos do secundário. Quais as recomendações que os autores haveriam de fazer?

— Propor aos professores que criem novas atitudes ou métodos e que publiquem as experiências que tiveram durante seus cursos de literatura.

— Levar os alunos a atuarem como professores; os alunos ministrariam as aulas assim como gostariam que fossem ministradas.

— Realizar levantamentos junto a uma camada social de dirigentes ou de elite intelectual para verificar seus hábitos de leitura ou suas preferências literárias.

Para encerrar, as palavras do escritor alemão Alfred Andersch, recentemente falecido aos 69 anos de idade:

“Esforço-me por escrever de tal maneira que o posicionamento crítico do leitor não seja suprimido”.

Perceber isso, é tarefa de uma educação para a leitura.

NOTAS

- (1) Zahidé L. Muzart. *Sugestões para o ensino da literatura brasileira*, in TRAVESSIA, Fpolis, 1980, N. 1, pág. 80
- (2) Käte Friedländer. *Ueber Kinderbuecher und ihre Funktion in Latenz und Vorpubertaet*. In: IMAGO, Bd. 26, 1941, 233-251
- (3) Há leitores que não passam da leitura trivial. Isso poderia ser uma falta de amadurecimento.
- (4) Werner Graf. *Literarische Pubertaet*, in DEUTSCHUNTERRICHT, Klett V. Stuttgart, 5/80, s. 18

* Dra. em Letras — USP
Profª Titular — UFSC